



ABORDAGEM CRÍTICO-DIALÉTICA

Carlos Antonio da Silva

Doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Louise de Lira Roedel Botelho

Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Livio Osvaldo Arenhart

Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Tiago Velasque Nunes

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
tiago.nunes@estudante.uffs.edu.br

1. Introdução

O método crítico-dialético é uma importante ferramenta epistemológica para a análise da realidade social e a produção de conhecimento crítico e transformador. Fundamentado na tradição marxista, compreende a realidade como uma totalidade concreta, histórica e contraditória, fruto da práxis social humana (MARX; ENGELS, 2009; NETTO, 1994). Diferentemente das abordagens positivistas e idealistas, parte da unidade entre teoria e prática como princípio ontológico, valorizando a mediação entre sujeito e objeto no processo do conhecimento.

Segundo Kosik (1976), o verdadeiro concreto é a síntese crítica das determinações sociais, e não o dado imediato. Já Müller (1982) distingue o método de investigação do de exposição, ressaltando a necessidade de reconstrução teórica do objeto.

Este estudo analisa a origem, aplicação e atualidade do método crítico-dialético, com base em autores como Marx, Kosik, Müller, Severino, Loureiro, Serpa, Fraser e Jaeggi, evidenciando sua contribuição para a construção de uma práxis emancipadora no Serviço Social, na Educação e na Educação Ambiental.

2. Metodologia

Este estudo configura-se como uma pesquisa teórica, de natureza qualitativa,



fundamentada no método crítico-dialético, vinculado à tradição marxista. A escolha dessa abordagem se justifica pelo compromisso com a análise da realidade social em sua totalidade histórica e contraditória, conforme Marx e Engels (2009), Kosik (1976) e Müller (1982). A pesquisa possui caráter descritivo e analítico, com foco na compreensão da atualidade e aplicabilidade do método crítico-dialético em campos como Serviço Social, Educação e Educação Ambiental. A análise foi conduzida com base em fontes secundárias, por meio de revisão bibliográfica de obras e artigos científicos. Destacam-se os aportes de Severino (2001), Loureiro (2005), Tonet (2013) e Fraser e Jaeggi (2020), que abordam desde a práxis educativa até a crítica estrutural do capitalismo. A investigação articula categorias como contradição, totalidade e emancipação, promovendo uma reflexão teórica comprometida com a transformação social e com a construção de práticas críticas e emancipatórias.

3. Resultados e discussão

O método crítico-dialético, em sua formulação clássica, emerge como uma reação epistemológica e política às limitações impostas tanto pelo racionalismo metafísico quanto pelo empirismo positivista. Sua gênese encontra-se na superação da lógica formal aristotélica, que, apesar de seu valor histórico, restringia a compreensão dos fenômenos à análise de categorias fixas e relações estáticas. A dialética, em contraste, introduz o movimento, a transformação e a contradição como princípios fundantes da realidade.

Em Hegel, a dialética é compreendida como o desenvolvimento do Espírito absoluto, num percurso que busca a síntese das contradições imanentes à realidade. Contudo, é Marx quem realiza a "virada materialista" da dialética, estabelecendo que "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência" (Marx; Engels, 2009, p. 32). Assim, a história é produto da práxis humana, e a realidade social é o terreno privilegiado da crítica.

Kosik (1976) elabora a noção de "concreto pensado", enfatizando que o concreto verdadeiro não é o dado empírico imediato, mas a síntese crítica das múltiplas determinações sociais. Esse movimento de pensamento exige uma postura que vá além da captação superficial dos fenômenos, exigindo uma análise que reconstrua teoricamente o todo social a partir de suas contradições constitutivas.



No método marxiano, como analisa Müller (1982), a distinção entre o método de investigação e o método de exposição é crucial: investigar é captar o real em sua complexidade; expor é apresentar o movimento interno do objeto estudado, revelando suas determinações essenciais e a lógica de seu desenvolvimento. Assim, o conhecimento não é uma reprodução fotográfica da realidade, mas um processo ativo de reconstrução crítica.

A dialética materialista rompe, portanto, com o dualismo sujeito-objeto, instaurando a práxis como categoria ontológica central. O ser humano é compreendido simultaneamente como produtor e produto da história, e a transformação do mundo é vista como expressão concreta da atividade humana (Netto, 1994).

Aplicar o método crítico-dialético implica reconhecer que a realidade não se apresenta de forma transparente à consciência. Pelo contrário, como afirma Tonet (2013), a realidade social está mediada por formas alienadas de consciência, que obscurecem as relações reais de produção, dominação e exploração.

A análise crítica deve, portanto, partir da aparência, mas superá-la, desvelando as mediações e contradições que estruturam o objeto. Esse percurso exige o domínio das categorias fundamentais da totalidade social: trabalho, produção, alienação, valor, ideologia, entre outras (Tonet, 2013).

No Serviço Social, a adoção do método crítico-dialético promoveu uma transformação paradigmática. De uma prática centrada na adaptação dos indivíduos às exigências da ordem capitalista, o Serviço Social passou a adotar uma perspectiva de mediação crítica entre as demandas dos usuários e a luta pelos direitos sociais (Netto, 2011; Montaña, 2011). A profissão, ao incorporar a análise de totalidade e contradição, posicionou-se como um agente estratégico na luta contra a exploração e a desigualdade.

No campo educacional, Severino (2001) argumenta que o conhecimento produzido na educação deve ser inseparável da prática histórica. A investigação educativa deve captar não apenas os conteúdos disciplinares, mas o processo histórico que estrutura a produção e a transmissão dos saberes. A educação, enquanto prática social, deve ser compreendida como ação transformadora, e não como reprodução de uma ordem estabelecida.

No âmbito da Educação Ambiental, Loureiro (2005) critica veementemente as



abordagens sistêmicas e holísticas que, ao enfatizarem uma suposta harmonia natural, desconsideram as contradições sociais que fundamentam a crise ambiental. Para ele, a crise ecológica é expressão da crise do capital, e sua superação exige uma revolução societal. A perspectiva crítica-dialética permite compreender que a degradação ambiental não é um problema técnico, mas sim um problema político que demanda mudanças estruturais profundas.

Ademais, Serpa (2019) propõe uma abordagem dialético-fenomenológica que, sem abrir mão da objetividade histórica, valoriza a experiência concreta dos sujeitos. Essa proposta reconhece que a realidade social não é apenas um conjunto de estruturas objetivas, mas também uma rede de sentidos vividos, que devem ser captados pela análise crítica.

O avanço da lógica neoliberal, a fragmentação do conhecimento promovida pela pós-modernidade e a mercantilização das relações sociais representam desafios imensos para a práxis crítica na contemporaneidade. Nesse contexto, o método crítico-dialético reafirma sua atualidade como instrumento de resistência e de construção de alternativas emancipadoras.

Müller (1982) insiste que a exposição dialética é o único caminho para compreender a lógica do capital e suas transformações internas, sem ceder ao empirismo superficial ou à abstração dogmática. O método crítico-dialético é, assim, não apenas uma técnica de análise, mas uma atitude ética e política diante da realidade.

Severino (2001) adverte que a educação que não se orienta pela totalidade histórica corre o risco de se converter em instrumento de reprodução ideológica. A educação crítica deve, portanto, promover a consciência histórica dos sujeitos e a capacidade de intervenção transformadora.

Loureiro (2005) mostra que, no campo da Educação Ambiental, a crítica dialética é indispensável para evitar a domesticação da temática ecológica pelos interesses do capital. A Educação Ambiental crítica propõe uma ruptura com as práticas educativas adaptativas, politizando a relação sociedade-natureza e articulando a luta ecológica à luta por justiça social.

Por fim, Serpa (2019) amplia a compreensão da crítica dialética ao integrar a dimensão fenomenológica da experiência. Ele demonstra que a análise crítica não pode



prescindir da subjetividade vivida, sob pena de reduzir a realidade social a um esquema abstrato.

A atualidade do método crítico-dialético reside, portanto, na sua capacidade de articular:

- Totalidade e singularidade;
- Objetividade histórica e subjetividade concreta;
- Análise estrutural e intervenção prática.

Diante de um cenário de múltiplas crises, econômica, ecológica, política e cultural, o método crítico-dialético não apenas resiste como se impõe como condição para a superação da barbárie e para a construção de uma nova ordem societal fundada na emancipação humana e na justiça socioambiental.

O método crítico-dialético, ao buscar compreender a totalidade concreta e contraditória da realidade social, ultrapassa a lógica produtivista da crítica baseada apenas na esfera econômica, incorporando também as dimensões da reprodução social, da natureza, da política e da cultura. Essa ampliação, já presente nos clássicos do marxismo e retomada por autores como Müller (1982), Loureiro (2005) e Kosik (1976), encontra forte ressonância na proposta contemporânea de Fraser e Jaeggi (2020), para quem o capitalismo deve ser analisado como uma forma de vida institucionalmente estruturada, sustentada por múltiplas esferas interdependentes.

Ao reconhecer que as crises capitalistas não se limitam à exploração econômica, Fraser e Jaeggi (2020) evidencia que também operam no plano da expropriação, conceito fundamental para compreender como as desigualdades raciais, de gênero e ambientais são integradas ao processo de acumulação capitalista. Assim, a análise crítica exige o enfrentamento simultâneo de múltiplas contradições, o que reforça o papel do método dialético como ferramenta epistemológica apta a articular as diferentes dimensões da crise contemporânea: econômica, ecológica, social e política.

Nesse sentido, o método crítico-dialético permite não apenas a denúncia da fragmentação do saber promovida pelo positivismo e pelo neoliberalismo, mas também a reconstrução de um projeto emancipatório que articule as lutas por justiça social, de gênero, racial e ambiental. Essa leitura integradora e radical é defendida por Fraser e Jaeggi (2020) como condição para uma crítica efetiva ao capitalismo atual, na medida em



que permite pensar as fronteiras entre domínios (produção, reprodução, natureza e política) como espaços de luta e transformação social.

4. Considerações finais

O método crítico-dialético, ao compreender a realidade como totalidade histórica, dinâmica e contraditória, apresenta-se como uma ferramenta epistemológica e metodológica indispensável para a construção de práticas sociais e educativas emancipadoras.

No Serviço Social, a adoção do método crítico-dialético permitiu a superação de práticas conservadoras e a construção de uma práxis voltada para a transformação social. Na Educação, a epistemologia dialética proposta por Severino contribui para a compreensão da educação como prática histórica e socialmente situada.

Na Educação Ambiental, o pensamento de Loureiro (2005) destaca a centralidade da dialética na construção de uma prática educativa crítica, capaz de articular cidadania, justiça social e justiça ambiental. Em oposição às abordagens sistêmicas e holísticas que despolitizam a realidade, a perspectiva dialética resgata a historicidade, a conflitualidade e a transformação como princípios constitutivos da prática educativa.

Assim, a dialética crítica mantém sua relevância no enfrentamento dos desafios contemporâneos, orientando práticas investigativas e educativas comprometidas com a emancipação humana e com a transformação radical da sociedade.

Referências

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica**. Boitempo Editorial, 2020.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1473-1494, 2005.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. 1. ed. (Tradução de Álvaro Pina). São Paulo: expressão popular, 2009.

MONTAÑO, C. **A natureza do Serviço Social: Um ensaio sobre sua gênese**, a



especificidade e sua reprodução. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MÜLLER, Marcos Lutz. **Exposição e método dialético em "O Capital"**. Boletim SEAF, nº 2, Belo Horizonte, p. 17-41, 1982.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-1964**. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, J. P. Razão, ontologia e práxis. **Revista Serviço Social e sociedade**. Ano XV, n. 44, São Paulo: Cortez, 1994.

SERPA, Angelo. Parâmetros para a Construção de uma Crítica Dialético-Fenomenológica da Paisagem Contemporânea. Bahia, **Revista Formação**, n.14, v. 2, p. 14-22, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A Pesquisa em Educação: A abordagem crítico-dialética e suas implicações na formação do educador. São Paulo: **Revista de Educação da Univali: Contra Pontos**, nº1, p. 10-22, 2001.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.